**X CONGRESSO LATINO-AMERICANO FLAPPSIP**

**MEIOS DE COMUNICAÇÃO COM REFUGIADOS NA AMÉRICA LATINA**

**NO SÉCULO XXI**

**MESA: GLOBALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO**

Suely Duék

Psicanalista

Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro

Brasil

suely.duek@gmail.com

 **Resumo**

O recente deslocamento de refugiados latinos na América Latina me fez pensar no que a psicanálise tem a dizer e também no que faz o psicanalista quando se volta para o mundo exterior, dedicando-se ao que Freud denominou de psicanálise aplicada. Este é um desafio à psicanálise e dentre os psicanalistas latinos. Renato Mezan no livro “Interlocuções” lembra que o “analista não é apenas um profissional da terapia: é também um cidadão envolvido na trama de seu tempo. Mezan nos fala da importância da lente do psicanalista no “socius”, e prefere chamar de “psicanálise implicada”. O trabalho objetiva analisar como nos países da América Latina os psicanalistas têm tratado a problemática dos refugiados e seus reflexos desde o pós-guerra até os dias atuais, e o que mais pode ser feito já que estamos diante de uma população que sofre um deslocamento forçado. Reconhecemos três possibilidades de implementação de soluções tais como a repatriação voluntária, a integração local e o reassentamento. O desafio para a psicanálise está na segunda solução que envolve o acolhimento e a integração. Através da fundamentação de pensadores da psicanálise e de outros saberes desejamos pautar que a psicanálise tem o que dizer e o que fazer diante do homem pós-moderno.

**Palavras-chave:** Refugiados; Pertencimento, Trauma; Exclusão; Identificações; Falta; Desenraizamento; Intolerância; Violência; Ódio; Cuidar; Acolhimento; Ambiente Facilitador; Integração.

**MEIOS DE COMUNICAÇÃO COM REFUGIADOS NA AMÉRICA LATINA**

**NO SÉCULO XXI**

Prólogo**:**

A palavra que Freud usa do alemão para expressar desamparo (*Hilflosigkeit*) é um substantivo que designa a condição de alguém que se encontra sem ajuda, desamparado, indica também a falta. Freud usa ambas as terminologias: “sentimento de desamparo” e “situações de desamparo”.

**1 INTRODUÇÃO**

 Boas histórias também acontecem...

 Era uma vez, uma história que começou em 1923 e permanece até hoje: Uma moça de nome Sabina, vinda da terra de Freud, durante a guerra, escolheu a América Latina, Rio de Janeiro. Apesar de ser poliglota a necessidade de sobreviver fez com que trabalhasse no comércio. Á noite ela caminhava até o cais do porto para esperar os navios que traziam mulheres que chegavam enganadas, na certeza de empregos que na verdade eram casas de prostituição. Sabina cuidava delas até que conseguissem emprego e moradia com famílias. Mais tarde, redigiu os estatutos para a fundação do Lar das Damas, espaço de acolhimento aos que necessitam ajuda, tornando-se a primeira presidente da instituição, onde a base ideológica é a Justiça Social.

**2** **A CLÍNICA PSICANALÍTICA DO TRAUMÁTICO NA IMIGRAÇÃO FORÇADA**

Diante da resistência ao atual movimento migratório na América Latina este trabalho representa uma inquietação quanto ao papel do psicanalista e sua capacitação para este desafio. Os países sul-americanos foram surpreendidos com onda migratória inédita. Nem todos estão abertos à recepção, o êxodo Venezuelano segundo a ONU é de três milhões de pessoas. O perfil social dos refugiados mudou, são pessoas em situação precária, constituem sua própria rede de solidariedade em cenário de ausência governamental. Quando nos referimos aos meios de comunicação propostos ao acolhimento dos refugiados pela globalização, visualizamos a violência que os levou aos deslocamentos e as políticas de absorção, inclusive com suas formas veladas de rejeição.

Mia Couto (2009), escritor humanista, no livro “ E se Obama fosse Africano? ” Relata a respeito do medo:

Existem muros que separam nações, mas não separam os que tem medo dos que não tem medo, portanto não nos basta provar a barbárie dos outros e deixarmos de nos fazer perguntas.... Nesse momento de caos e perda, o importante não é tanto a língua, nem sequer o quanto ela nos é materna. Mais importante é essa outra língua que falamos mesmo antes de nascermos. Nesse registro está a porta e o passaporte em que todos nós nos fazemos humanos. (Couto, 2009, p.139).

A clínica psicanalítica do sofrimento na imigração forçada apresenta impasses e vicissitudes na direção do manejo psicanalítico e seu campo epistemológico, teórico-clínico de articulação entre outros saberes, portanto a boa atuação do analista exige um profundo conhecimento da técnica, da metapsicologia e são essenciais a sua análise e a supervisão; ele deve ter um olhar singular, respeito aos costumes e crenças do paciente, mas também respeito aos seus próprios valores. A relação transferencial necessita de criatividade e cuidado, o analista é parte do psiquismo na relação com o analisando cujas fronteiras são vulneráveis e inexatas.

 A partir de Winnicott o analista se implica no processo da transicionalidade onde o olhar para a contratransferência é fundamental, de tal forma que haja um equilíbrio possível para o psiquismo de ambos, analista e analisando. A consciência do desejo de se manter analista de uma população com características específicas deve estar sempre significada na contratransferência.

No livro Intervenções, Renato Mezan (2011) cita a obra de Freud e seus seguidores onde figura quantidade expressiva de trabalhos dedicados à Psicanálise Aplicada, a fenômenos e Instituições sociais, obras artísticas e literárias e ao que possa expressar a dimensão do humano; entretanto o autor prefere o termo psicanálise implicada e justifica alegando que o analista é um cidadão envolvido na trama de seu tempo.

Mezan (2017) no capítulo sobre os limites da tolerância, no livro: A Sociedade, Cultura, Psicanálise, conta a História de Nasrah, imigrante mulçumana, vivendo na Holanda: destaca pontos como os limites do processo de integração ao seu novo ambiente e o papel de absorção do estado. Quanto às questões psicológicas, ressalta que dizem respeito à manutenção da identidade pessoal e ao trabalho psíquico imposto na adaptação à sociedade hospedeira e que esta necessita saber preservar as tradições do refugiado-imigrante. O cenário que se apresenta é responsável pela constituição e destituição do lugar de sujeito.

 Hanni Biran (2008), psicanalista Israelense trabalha com grandes grupos, sonhos e o inconsciente social, destaca a importância da aplicação do conceito de pertencimento semeado numa cultura de população diversificada. Em 2013 no Instituto de Psicanálise Contemporânea e Grupanálise de Tel Aviv houve uma conferência organizada pelo centro judeu-árabe da Universidade de Haifa onde ela apresentou o trabalho intitulado Posse e Pertencimento; foram levantados aspectos no sentido de se fazer compreender os mecanismos humanos do medo de perder o lugar e a identidade do self na posse do lugar.

O trabalho extramuros com grandes grupos em áreas de conflito é um procedimento necessário para elaboração do trauma coletivo, existe o risco de explosões de violência na cultura que se expressam através de comportamentos discriminatórios.

**Estamos contemplando um cenário de restrições e exclusão da população de Latinos em seu próprio continente;** sofrem impactos traumáticos que originam o perigo do processo transgeracional.

 O termo desenraizado aplica-se àquele que está à deriva até que consiga adaptar-se a nova terra. No enquadre emocional a experiência do refúgio é desestabilizadora no que concerne às identificações que se enraízam desde os primórdios da vida psíquica. Variável importante também é o fator intolerância, já que a tolerância com o diferente não consegue ser absoluta. O narcisismo do refugiado é submetido a desafios, e o medo de perder a dignidade se superpõe ao medo de perder a identidade.

 Sobre os limites da tolerância lembramos Freud capitulo V de O Mal Estar Na Civilização onde ele diz: “O próximo não é apenas um possível auxiliar e objeto sexual, mas uma tentação para satisfazer nele a agressão, explorar sua força de trabalho sem ressarci-lo, usá-lo sexualmente sem seu consentimento, subtrair-lhe seu patrimônio, humilhá-lo, infligir- lhe dor para torturá-lo, matá-lo”. (Freud, 2010, p.57-140).

No livro Cadernos Sobre o Mal, Joel Birman, questiona: O que mais o discurso Freudiano pode nos dizer a este respeito? (Birman, 2006, p.59). Freud no texto Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte pensando a economia pós-guerra escreve: “Seria muito difícil que as classes privilegiadas abrissem mão facilmente da propriedade privada em prol da redistribuição da riqueza. Para a manutenção da vida cada qual acredita que possa saquear e violentar o outro em nome de sua expansão narcísica”. (Freud, 1915, p. 273-303).

Na revista Calibán edição de 2017 sobre o Mal, encontramos os seguintes posicionamentos: Luis Campalans no artigo Anotações sobre Psicanálise e Humanismo lembra que este foi um movimento filosófico que surgiu no Renascimento, e que na modernidade consiste na exaltação de ideias e valores éticos relativos ao indivíduo, os chamados direitos humanos, tolerância racial e religiosa, e ele acrescenta: “Entretanto é possível falar de um humanismo inumano responsável por grandes tragédias históricas e atuais”. (Campalans, 2017, p.38). Marcelo Viñar no artigo Terror Político e Exílio – Desexílio e suas marcas subjetivas, explica a origem deste debate em termos atuais, diz ele: “... talvez a colagem de sempre na história das chamadas civilizações, usamos termos sinônimos para despojar nossos semelhantes da sua dignidade de humanos e criar o inframundo dos excluídos, cuja figura extrema foi imortalizada pelo Primo Levi. ” (Viñar, 2018, p.14).

**3 A IMPORTÂNCIA DO CUIDAR DE SI E DO CUIDAR DO OUTRO NA**

 **PSICANÁLISE**

Criam-se as categorias dos refugiados, sobreviventes e apátridas, campo fértil para o aparecimento de preconceitos e desprezo a grupos minoritários; este é o momento em que o analista identifica a origem dos comportamentos patológicos e os contornos do medo, responsáveis pelas barbáries e crueldades.

A Globalização, o neoliberalismo, o “Divino Mercado” de acordo com Dany-Robert Dufour (2007), na falta com o cuidado ao outro, o ódio da falta fundamental que constitui o sujeito, recria obstáculos intransponíveis para a conscientização do vínculo entre a falta e o ódio.

Como diz Vladimir Safatle (2010), no livro Fetichismo - colonizar o outro, “...é preciso considerar que muitas vezes a manutenção de ideias opostas representa uma estratégia de sobrevivência onde a fronteira entre o normal e o patológico se esfumação”. (Safatle, 2010, p.7). Ao negar o outro, com ausência da alteridade, o sujeito do ódio projeta a fantasia na realidade, posição que pertence possivelmente à fase do narcisismo e procura criar formas de funcionamento que correspondem às chamadas novas patologias.

Para alguns pensadores da psicanálise e da filosofia o inconsciente do sujeito fundado na perda e na falta, não é mais o do recalcamento de Freud, mas relaciona-se com o não reconhecimento da diferença do outro.

As ferramentas utilizadas pelo sujeito contemporâneo na sociedade atual, muitas vezes através da disseminação do ódio, do mal e de outras vertentes como o uso inadequado da tecnologia, podem levar à desumanização da cultura.

A falta da liberdade real encoberta pela ilusão de autonomia do sujeito, através da credibilidade em falsas verdades, funciona como um motor que não pode parar de se defrontar com o vazio e que continua sempre a não alcançar a completude do desejo, gerando violência.

A exclusão aos que chegam a nova terra expressando necessidades básicas e emocionais, cria formas de funcionamento psíquico que correspondem às denominadas patologias sociais.

**4 CONCLUSÃO**

 A cegueira na alteridade gera traumas desestruturantes e condutas antissociais, reitera a importância da teoria do amadurecimento de Winnicott onde o indivíduo e o ambiente facilitador são interdependentes na saúde. O refugiado-imigrante enquanto excluído vive a deprivação sentindo-se um estrangeiro, ele reage à falta, no seu desejo de pertencer.

**Referências**

Birman, J. (2009). *Cadernos sobre o mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

\_\_\_\_\_\_. (2006). *Arquivos do mal-estar e resistência*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

Campalans, L. (2017). Anotações sobre psicanálise e humanismo. *Revista Calibán*, 15(2), p.38.

Duék, S. (2018). *Bibliografia particular*. [s.l.]: [s.n.].

Fedri, C. B. (2018, junho). Cidadania e participação algumas contribuições para a teoria do amadurecimento para o atendimento às vítimas de violência.

*Revista Rabisco 8 (*1), p.181-192.

Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das letras. 496p.

Mezan, R. (2011). *Intervenções*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 323p.

\_\_\_\_\_\_. (2017). *Sociedade, cultura e psicanalise*. São Paulo: Blucher; Karnac. 560p.

Oz, A. (2009). *Mais de uma luz*. São Paulo: Companhia das letras. 136p.

Safatle, V. (2018). *Patologias do social*. São Paulo: Autêntica. 352p.

 \_\_\_\_\_\_. (2010). *Fetichismo colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 152p.

Viñar, M. (2018). Terror político e exílio - desexílio. *Revista Calibán*, 15(2). p.14.

Winnicott, D. (1965). O *ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed. 268p.

**X CONGRESSO LATINO-AMERICANO FLAPPSIP**

**MEDIOS DE COMUNICACIÓN CON REFUGIADOS EN LATINOAMERICA**

**EN SIGLO XXI**

**MESA: GLOBALIZACIÓN DE LA VIOLENCIA EN LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN**

Suely Duék

Psicoanalista

Miembro efectivo del Circulo Psicoanalítico de Río de Janeiro

Brasil

suely.duek@gmail.com

**Resumen**

El reciente desplazamiento de refugiados latinos en Latinoamerica me hizo pensar en lo que el psicoanálisis tiene que decir y también en lo que hace el psicoanalista cuando se vuelve hacia el mundo exterior, dedicándose a lo que Freud denominó psicoanálisis aplicado. Este es un reto al psicoanálisis y a los psicoanalistas latinos. Renato Mezan en el libro "Interlocuciones" recuerda que el "analista no es sólo un profesional de la terapia: es también un ciudadano involucrado en el tejido de su tiempo. Mezan nos habla de la importancia de la lente del psicoanalista en el "socius", y prefiere llamarla "psicoanálisis implicada". El trabajo tiene como objetivo analizar cómo, en los países de Latinoamerica, los psicoanalistas han tratado la problemática de los refugiados y sus reflejos, desde la posguerra hasta los días actuales, y qué más se puede hacer, ya que estamos ante una populación que sufre un desplazamiento forzado . Reconocemos tres posibilidades de implementación de soluciones, tales como la repatriación voluntaria, la integración local y el reasentamiento. El reto para el psicoanálisis está en la segunda solución, que involucra la acogida y la integración. A través de la fundamentación de pensadores del psicoanálisis y de otros saberes, deseamos pautar que el psicoanálisis tiene lo que decir y lo que hacer ante el hombre posmoderno.

**Palabras-llave:** Refugiados; Pertenencia; Trauma, Exclusión; dentificaciones, Falta, Desarraigo; Intolerancia; Violencia; Odio; Cuidar; Acogimiento; Ambiente Facilitador; Integración.

Prólogo**:**

La palabra alemana usada por Freud para expresar el abandono (*Hilflosigkeit*) es un sustantivo que designa la condición de alguien que se encuentra sin ayuda, abandonado, además de indicar la falta. Freud utiliza ambas terminologías: “sentimiento de abandono” y “situaciones de abandono”.

**1 INTRODUCCIÓN**

 Las buenas historias sí que ocurren.

Érase una vez una historia que empezó en 1923 y que sigue hasta el presente: Una jóven llamada Sabina, venida de la tierra de Freud durante la guerra, elijió como destino a Latinoamérica, a Río de Janeiro. A pesar de que era políglota, la necesidad de sobrevivir la llevó a trabajar en el comercio. Toda las noches caminaba hasta el puerto para esperar a los buques en los cuales llegaban mujeres engañadas por la certeza de empleos que en realidad eran en casas de prostitución. Sabina cuidaba de ellas hasta que conseguían empleo en casas de família. Más tarde, redigió los estatutos para la fundación del Lar das Damas (Hogar de las Damas), espacio de acogimiento para los que necesitan ayuda, y fué la primera presidenta de la institución cuya base ideológica es la Justicia Social.

**2 LA CLÍNICA PSICOANALÍTICA DE LO TRAUMÁTICO EN LA INMIGRACIÓN**

 **FORZADA**

Frente a la resistencia al actual movimento migratorio en Latinoamérica, el presente trabajo representa una inquietud sobre el papel del psicoanalista y sobre su capacitación para este reto. Los países sudamericanos han sido sorpreendidos por una ola migratoria sin precedentes. No todos están abiertos a la recepción, y el éxodo de Venezuela, según las Naciones Unidas, alcanza tres millones de personas. El perfilsocial de los refugiados ha cambiado, son personas en situación muy precaria, que organizan su propia red de solidariedad en un escenario donde el gobierno se hace ausente. Cuando nos referimos a los medios de comunicación planteados por la globalización, en lo que se refiere a la acogida de refugiados, percibimos la violencia que los llevó al desplazamiento y las políticas de absorción, incluso en sus formas veladas de rechazo. .

Mia Couto (2009) escritor humanista, en su libro \“Y si Obama Fuese Africano?”, dice, a respecto del miedo:

Existen muros que separan naciones pero no separan los que tienen miedo de los que no tienen miedo, y por lo tanto no nos basta probar la barbárie de los demás sin hacernos preguntas... En este momento de caos y pérdidas, lo importante no es tanto la lengua, siquiera si ella no es materna. Más importante es esa otra lengua que hablamos antes mismo de nascer. Ese registro es el que contiene la puerta y el pasaporte donde todos nos hacemos humanos. (Couto, 2009, p.139).

La clínica psiconalítica del sufrimiento en la inmigración forzada presenta puntos muertos y vicicitudes en la dirección del manejo psicoanalítico y sus campos epistemológico y teórico-clínico de articulación con otros saberes; por lo tanto, la buena actuación del analista exige un profundo conocimiento de la técnica, de la metapsicología esencial para su análisis y supervisión; una mirada singular hacia las costumbres y creencias del paciente, pero también el respecto por sus propios valores. La relación transferencial exige creatividad y cuidado; el analista es parte del psiquismo en la relación con el analisante, una relación cuyas fronteras son vulnerables e inexactas. A partir de Winnicott, el analista se involucra en el processo de la transicionalidad, donde la mirada sobre la contratransterencia es fundamental, buscando el equilibrio posible para el psiquismo de ambos, analista y analisante. La consciencia del deseo de mantenerse analista de una populación con características específicas debe estar siempre significada en la contratransferencia..

En su libro “Intervenções” (“Intervenciones”), Renato Mezan (2011) cita la obra de Freud y de sus seguidores, donde hay una expresiva cantidad de trabajos dedicados al Psicoanálisis Aplicado, a fenómenos e Instituiciones sociales, obras artísticas y literarias y a todo aquello capaz de expressar la dimensión de lo humano. Sin embargo, el autor prefere el término “psicoanálisis implicada”, lo que justifica alegando que el analista es un ciudadano involucrado en el tejido de su tempo.

En el capítulo sobre los limites de la tolerancia de su libro “A Sociedade, Cultura, Psicanálise” (“La sociedad, la Cultura y el Psicoanális”), Mezan (2017) relata la historia de Nasrah, inmigrante musulmana que vive en Holanda, enfatizando puntos como los límites del proceso de integración al nuevo ambiente y el papel de absorción del Estado. En cuanto a las cuestiones psiológicas, señala que ellas se refieren al mantenimiento de la identidad personal y al trabajo psíquico impuesto en la adaptación a una sociedad anfitriona que debe saber preservar las tradicones del refugiado-inmigrante. El escenario que se presenta es responsable por la constitución y la destitución del lugar del sujeto.

Hanni Biran (2008), psicoanalista israelí que trabalha con grandes grupos, sueños e inconsciente social, subraya la aplicación del concepto de pertenencia sembrado en una populación diversificada. En 2013, en el Instituto de Psicoanális Contemporánea y Grupoanálise de Tel Aviv, ocurrió una conferencia organizada por el centro judío-árabe de la Universidad de Haifa en la cual ella presentó su trabajo intitulado Posesión y Pertenencia, donde plantea aspectos relacionados a la compreensión de los mecanismos humanos del miedo a la pérdida del lugar y de la identidad del self en la posesión del lugar. El trabajo extramuros con grandes grupos en areas de conflicto es un procedimiento necesario para la elaboración del trauma colectivo, donde existe el riesgo de explociones de violencia en la cultura y que se expresa a traves de comportamientos discriminatorios.

Nos vemos hoy en un escenario de restricciones y exclusión de la populación latinoamericana en su propio continente, donde sufre impactos traumaticos que crean el peligro de un proceso transgeneracional.

El término desairragadosse refiere aquellos que están a la deriva mientras no se adaptan a la nueva tierra. En el cuadro emocional, la experiencia del refugio es desestabilizadora con relación a las identificaciones arraigadas desde los primordios de la vida psíquica.. Otra variable importante es el factor intolerancia, pues la tolerancia con lo diferente no logra ser absoluta. El narcisismo del refugiado es sometido a retos, y el miedo de perder la dignidad se suma al miedo de perder la identidad. Sobre los límites de la tolerancia, recordemos a Freud en el capítulo V de “El Malestar en la Cultura”, donde nos dice: “El proximo no es solamente un posible auxiliar y objeto sexual, es también una tentación de obtener satisfacción en la agresión, de explotar su fuerza de trabajo sin pagarle, de usarlo sexualmente sin su consentimiento, de substraerle sus bienes, de humillarlo, de infligirle dolor para torturarlo, matarlo.” (Freud, 2010, p.57-140).

 En su libro “Cadernos Sobre o Mal” (Cuadernos Sobre el Mal), Joel Birman (2006), se pregunta: “Qué más puede decirnos sobre eso el discurso freudiano?” (Birman, 2006, p.59). En su texto “Consideraciones Actuales Sobre la Guerra y la Muerte”, Freud, pensando en la economía del posguerra, escribe: “Sería muy difícil que las clases privilegiadas renuncienfacilmente a la propriedad privada en favor de la redistribución de la riqueza. Para mantener la vida, cada uno cree que puede saquear y violentar al otro en el nombre de su expansión narcísica”. (Freud, 1915, p. 273-303).

En la revista Calibén, edición de 2017 sobre al Mal, encontramos los siguientes planteos: Luis Campalans, en su artículo “Anotações sobre Psicanálise e Humanismo” (“Anotaciones sobre Psicoanálisis y Humanismo”) nos recuerdaque este fué un movimiento filosófico que surgió en el Renascimiento, y que en la modernidad consiste en la exaltación de ideas y valores éticos conciernientes al indivíduo, los llamados derechos humanos, la tolerancia racial y religiosa, añadiendo: “Sin embargo es posible hablar de un humanismo inhumano, responsable por grandes tragedias historicas y presentes”. (Campalans, 2017, p.38). Marcelo Viñar, en el artículo “Terror Politico e Exílio-Desexílio e Suas Marcas Subjetivas” (“Terror Político y Exílio-Desexílio y Sus Marcas Subjetivas”, dice: “... puede ser que, en el collage de siempre en la historia de las presuntas civilizaciones, utilizamos términos sinónimos para despojar nuestros semejantes de su dignidad de humanos y para crear el inframundo de los excluídos, cuya figura extrema fué imortalizada por Primo Levi.” (Viñar, 2018, p.14).

**3 LA IMPORTANCIA DE CUIDARSE Y DE CUIDAR AL OTRO EN EL PSICOANÁLISIS**

Son creadas categorías de refugiados, supervivientes y apátridas, un campo fértil para el surgimiento de prejuicios e para el desprecio por los grupos minoritarios, grupos minoritarios; y es en este momento que el analista identifica el origen de los comportamientos patológicos e las formas del miedo responsables por la barbárie y la crueldad.

La globalización, el neoliberalismo, el “Divino Mercado” según Dany-Robert Dufour (2007), donde la ausencia del cuidado con el otro y el odio a la falta fundamental llevan el sujeto a recrear obstáculos intransponibles para la conscientización del lazo entre la falta y el odio.

Como dice Vladimir Safatle (2010), en su libro “Fetichismo - colonizar o outro”, “... es necesario considerar que a menudo el mantenimiento de ideas opuestas representa una estrategia de suprervivencia donde la frontera entre lo normal y lo patológico se esfuman.” (Safatle, 2010, p.7). Al negar el otro, con ausencia de alteridad, el sujeto del odio proyecta la fantasía en la realidad, posición que posiblemente pertenece a la etapa del narcisismo, y busca formas de funcionamento que corresponden a las llamadas nuevas patologías.

Para alguns pensadores del psicoanálisis y de la filosofía, el insconsciente del sujeto fundado en la pérdida y en la falta ya no es la represión de Freud, sIno que relaciona con el no- reconocimiento de la diferencia del otro. Las herramientas utilizadas por el sujeto contemporáneo en la sociedad actual, a menudo a traves de la disemisación del odio, del mal y de otras vertientes, tales como el uso inadecuado de la tecnología, pueden resultar en la deshumanizacion de la cultura. La ausencia de libertad real, encubierta por la ilusión de autonomía del sujeto a traves de su credulidad frente a falsas verdades, funciona como un motor que no logra detenerse y mirar de frente el vacío, y que sigue sin alcanzar lo completud del deseo, lo que genera violencia. La exclusión de los que llegan a una nueva tierra expresando necesidades básicas y emocionales crea formas de funcionamiento psíquico que corresponden las llamadas patologías sociales.

**4 CONCLUSIÓN**

La cecidad en la alteridad que genera traumasdesestructurantes y conductas antisociales reitera la importancia de la teoría del maduración de Winnicott, en la cual el individuo y el ambiente facilitador en la salud son interdependientes. El refugiado-inmigrante, mientras excluído, vive la deprivación, se siente un extrangero y, en su deseo de pertenecer, reacciona frente a la falta.

**Bibliografia**

Birman, J. (2009). *Cadernos sobre o mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

\_\_\_\_\_\_. (2006). *Arquivos do mal-estar e resistência*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

Campalans, L. (2017). Anotações sobre psicanálise e humanismo. *Revista Calibán*, 15(2), p.38.

Duék, S. (2018). *Bibliografia particular*. [s.l.]: [s.n.].

Fedri, C. B. (2018, junho). Cidadania e participação algumas contribuições para a teoria do amadurecimento para o atendimento às vítimas de violência.

*Revista Rabisco 8 (*1), p.181-192.

Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das letras. 496p.

Mezan, R. (2011). *Intervenções*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 323p.

\_\_\_\_\_\_. (2017). *Sociedade, cultura e psicanalise*. São Paulo: Blucher; Karnac. 560p.

Oz, A. (2009). *Mais de uma luz*. São Paulo: Companhia das letras. 136p.

Safatle, V. (2018). *Patologias do social*. São Paulo: Autêntica. 352p.

 \_\_\_\_\_\_. (2010). *Fetichismo colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 152p.

Viñar, M. (2018). Terror político e exílio - desexílio. *Revista Calibán*, 15(2). p.14.

Winnicott, D. (1965). O *ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed. 268p.

**Proyección**

**X CONGRESSO LATINO-AMERICANO FLAPPSIP**

**MEDIOS DE COMUNICACIÓN CON REFUGIADOS EN LATINOAMERICA**

**EN SIGLO XXI**

**MESA: GLOBALIZACIÓN DE LA VIOLENCIA EN LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN**

Suely Duék

Psicoanalista

Miembro efectivo del Circulo Psicoanalítico de Río de Janeiro

Brasil

suely.duek@gmail.com

Prólogo**:**

La palabra alemana usada por Freud para expresar el abandono (*Hilflosigkeit*) es un sustantivo que designa la condición de alguien que se encuentra sin ayuda, abandonado, además de indicar la falta. Freud utiliza ambas terminologías: “sentimiento de abandono” y “situaciones de abandono”.

**1 INTRODUCCIÓN**

 **Las buenas historias sí que ocurren.**

Érase una vez una historia que empezó en 1923 y que sigue hasta el presente: Una jóven llamada Sabina, venida de la tierra de Freud durante la guerra, elijió como destino a Latinoamérica, a Río de Janeiro. A pesar de que era políglota, la necesidad de sobrevivir la llevó a trabajar en el comercio. Toda las noches caminaba hasta el puerto para esperar a los buques en los cuales llegaban mujeres engañadas por la certeza de empleos que en realidad eran en casas de prostitución. Sabina cuidaba de ellas hasta que conseguían empleo en casas de família. Más tarde, redigió los estatutos para la fundación del Lar das Damas (Hogar de las Damas), espacio de acogimiento para los que necesitan ayuda, y fué la primera presidenta de la institución cuya base ideológica es la Justicia Social.

**2 LA CLÍNICA PSICOANALÍTICA DE LO TRAUMÁTICO EN LA**

 **INMIGRACIÓN FORZADA**

Frente a la resistencia al actual movimento migratorio en Latinoamérica, el presente trabajo representa una inquietud sobre el papel del psicoanalista y sobre su capacitación para este reto. Los países sudamericanos han sido sorpreendidos por una ola migratoria sin precedentes. No todos están abiertos a la recepción, y el éxodo de Venezuela, según las Naciones Unidas, alcanza tres millones de personas. El perfilsocial de los refugiados ha cambiado, son personas en situación muy precaria, que organizan su propia red de solidariedad en un escenario donde el gobierno se hace ausente. Cuando nos referimos a los medios de comunicación planteados por la globalización, en lo que se refiere a la acogida de refugiados, percibimos la violencia que los llevó al desplazamiento y las políticas de absorción, incluso en sus formas veladas de rechazo. .

Mia Couto (2009) escritor humanista, en su libro \“Y si Obama Fuese Africano?”, dice, a respecto del miedo:

Existen muros que separan naciones pero no separan los que tienen miedo de los que no tienen miedo, y por lo tanto no nos basta probar la barbárie de los demás sin hacernos preguntas... En este momento de caos y pérdidas, lo importante no es tanto la lengua, siquiera si ella no es materna. Más importante es esa otra lengua que hablamos antes mismo de nascer. Ese registro es el que contiene la puerta y el pasaporte donde todos nos hacemos humanos. (Couto, 2009, p.139).

La clínica psiconalítica del sufrimiento en la inmigración forzada presenta puntos muertos y vicicitudes en la dirección del manejo psicoanalítico y sus campos epistemológico y teórico-clínico de articulación con otros saberes; por lo tanto, la buena actuación del analista exige un profundo conocimiento de la técnica, de la metapsicología esencial para su análisis y supervisión; una mirada singular hacia las costumbres y creencias del paciente, pero también el respecto por sus propios valores. La relación transferencial exige creatividad y cuidado; el analista es parte del psiquismo en la relación con el analisante, una relación cuyas fronteras son vulnerables e inexactas. A partir de Winnicott, el analista se involucra en el processo de la transicionalidad, donde la mirada sobre la contratransterencia es fundamental, buscando el equilibrio posible para el psiquismo de ambos, analista y analisante. La consciencia del deseo de mantenerse analista de una populación con características específicas debe estar siempre significada en la contratransferencia..

En su libro “Intervenções” (“Intervenciones”), Renato Mezan (2011) cita la obra de Freud y de sus seguidores, donde hay una expresiva cantidad de trabajos dedicados al Psicoanálisis Aplicado, a fenómenos e Instituiciones sociales, obras artísticas y literarias y a todo aquello capaz de expressar la dimensión de lo humano. Sin embargo, el autor prefere el término “psicoanálisis implicada”, lo que justifica alegando que el analista es un ciudadano involucrado en el tejido de su tempo.

En el capítulo sobre los limites de la tolerancia de su libro “A Sociedade, Cultura, Psicanálise” (“La sociedad, la Cultura y el Psicoanális”), Mezan (2011) relata la historia de Nasrah, inmigrante musulmana que vive en Holanda, enfatizando puntos como los límites del proceso de integración al nuevo ambiente y el papel de absorción del Estado. En cuanto a las cuestiones psiológicas, señala que ellas se refieren al mantenimiento de la identidad personal y al trabajo psíquico impuesto en la adaptación a una sociedad anfitriona que debe saber preservar las tradicones del refugiado-inmigrante. El escenario que se presenta es responsable por la constitución y la destitución del lugar del sujeto.

Hanni Biran (2008), psicoanalista israelí que trabalha con grandes grupos, sueños e inconsciente social, subraya la aplicación del concepto de pertenencia sembrado en una populación diversificada. En 2013, en el Instituto de Psicoanális Contemporánea y Grupoanálise de Tel Aviv, ocurrió una conferencia organizada por el centro judío-árabe de la Universidad de Haifa en la cual ella presentó su trabajo intitulado Posesión y Pertenencia, donde plantea aspectos relacionados a la compreensión de los mecanismos humanos del miedo a la pérdida del lugar y de la identidad del self en la posesión del lugar. El trabajo extramuros con grandes grupos en areas de conflicto es un procedimiento necesario para la elaboración del trauma colectivo, donde existe el riesgo de explociones de violencia en la cultura y que se expresa a traves de comportamientos discriminatorios.

**Nos vemos hoy en un escenario de restricciones y exclusión de la populación latinoamericana en su propio continente, donde sufre impactos traumaticos que crean el peligro de un proceso transgeneracional.** El término desairragadosse refiere aquellos que están a la deriva mientras no se adaptan a la nueva tierra. En el cuadro emocional, la experiencia del refugio es desestabilizadora con relación a las identificaciones arraigadas desde los primordios de la vida psíquica.. Otra variable importante es el factor intolerancia, pues la tolerancia con lo diferente no logra ser absoluta. El narcisismo del refugiado es sometido a retos, y el miedo de perder la dignidad se suma al miedo de perder la identidad. Sobre los límites de la tolerancia, recordemos a Freud en el capítulo V de “El Malestar en la Cultura”, donde nos dice: “El proximo no es solamente un posible auxiliar y objeto sexual, es también una tentación de obtener satisfacción en la agresión, de explotar su fuerza de trabajo sin pagarle, de usarlo sexualmente sin su consentimiento, de substraerle sus bienes, de humillarlo, de infligirle dolor para torturarlo, matarlo.” (Freud, 2010, p.57-140).

 En su libro “Cadernos Sobre o Mal” (Cuadernos Sobre el Mal), Joel Birman (2006), se pregunta: “Qué más puede decirnos sobre eso el discurso freudiano?” (Birman, 2006, p.59). En su texto “Consideraciones Actuales Sobre la Guerra y la Muerte”, Freud, pensando en la economía del posguerra, escribe: “Sería muy difícil que las clases privilegiadas renuncienfacilmente a la propriedad privada en favor de la redistribución de la riqueza. Para mantener la vida, cada uno cree que puede saquear y violentar al otro en el nombre de su expansión narcísica”. (Freud, 1915, p. 273-303).

En la revista Calibén, edición de 2017 sobre al Mal, encontramos los siguientes planteos: Luis Campalans, en su artículo “Anotações sobre Psicanálise e Humanismo” (“Anotaciones sobre Psicoanálisis y Humanismo”) nos recuerdaque este fué un movimiento filosófico que surgió en el Renascimiento, y que en la modernidad consiste en la exaltación de ideas y valores éticos conciernientes al indivíduo, los llamados derechos humanos, la tolerancia racial y religiosa, añadiendo: “Sin embargo es posible hablar de un humanismo inhumano, responsable por grandes tragedias historicas y presentes”. (Campalans, 2017, p.38) Marcelo Viñar, en el artículo “Terror Politico e Exílio-Desexílio e Suas Marcas Subjetivas” (“Terror Político y Exílio-Desexílio y Sus Marcas Subjetivas”, dice: “... puede ser que, en el collage de siempre en la historia de las presuntas civilizaciones, utilizamos términos sinónimos para despojar nuestros semejantes de su dignidad de humanos y para crear el inframundo de los excluídos, cuya figura extrema fué imortalizada por Primo Levi.” (Viñar, 2018, p.14).

**3 LA IMPORTANCIA DE CUIDARSE Y DE CUIDAR AL OTRO EN EL**

 **PSICOANÁLISIS**

Son creadas categorías de refugiados, supervivientes y apátridas, un campo fértil para el surgimiento de prejuicios e para el desprecio por los grupos minoritarios, grupos minoritarios; y es en este momento que el analista identifica el origen de los comportamientos patológicos e las formas del miedo responsables por la barbárie y la crueldad.

La globalización, el neoliberalismo, el “Divino Mercado” según Dany-Robert Dufour (2007), donde la ausencia del cuidado con el otro y el odio a la falta fundamental llevan el sujeto a recrear obstáculos intransponibles para la conscientización del lazo entre la falta y el odio.

Como dice Vladimir Safatle (2010) en su libro Fetichismo - colonizar o outro, “... es necesario considerar que a menudo el mantenimiento de ideas opuestas representa una estrategia de suprervivencia donde la frontera entre lo normal y lo patológico se esfuman.” (Safatle, 2010, p.7). Al negar el otro, con ausencia de alteridad, el sujeto del odio proyecta la fantasía en la realidad, posición que posiblemente pertenece a la etapa del narcisismo, y busca formas de funcionamento que corresponden a las llamadas nuevas patologías.

Para alguns pensadores del psicoanálisis y de la filosofía, el insconsciente del sujeto fundado en la pérdida y en la falta ya no es la represión de Freud, sIno que relaciona con el no-reconocimiento de la diferencia del otro. Las herramientas utilizadas por el sujeto contemporáneo en la sociedad actual, a menudo a traves de la disemisación del odio, del mal y de otras vertientes, tales como el uso inadecuado de la tecnología, pueden resultar en la deshumanizacion de la cultura. La ausencia de libertad real, encubierta por la ilusión de autonomía del sujeto a traves de su credulidad frente a falsas verdades, funciona como un motor que no logra detenerse y mirar de frente el vacío, y que sigue sin alcanzar lo completud del deseo, lo que genera violencia. La exclusión de los que llegan a una nueva tierra expresando necesidades básicas y emocionales crea formas de funcionamiento psíquico que corresponden las llamadas patologías sociales.

**4 CONCLUSIÓN**

La cecidad en la alteridad que genera traumasdesestructurantes y conductas antisociales reitera la importancia de la teoría del maduración de Winnicott, en la cual el individuo y el ambiente facilitador en la salud son interdependientes. El refugiado-inmigrante, mientras excluído, vive la deprivación, se siente un extrangero y, en su deseo de pertenecer reacciona frente a la falta.